

AUGUSTO CURY

O autor brasileiro mais
lido nas últimas duas décadas

O psiquiatra mais
lido do mundo



Al CHAMO MILAGRE

A mais incrível história de superação de crise financeira,
abandono, bullying, ansiedade, psicose!

A fascinante história de uma menina superinteligente
educada por um psicótico superdivertido



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

AUGUSTO
CURY

The
CHAMO
MILAGRE

A fascinante história de uma menina superinteligente
educada por um psicótico superdivertido

Copyright © Augusto Cury, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Ligia Alves
Projeto gráfico: Fabio Oliveira
Diagramação: Futura
Capa: Rafael Brum
Imagem de capa: Yuganov Konstantin/Shutterstock

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

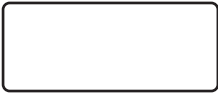
Cury, Augusto
Me chamo Milagre / Augusto Cury. -- São Paulo: Planeta do
Brasil, 2024.
272 p.

ISBN 978-85-422-2894-6

1. Ficção brasileira I. Título
24-4998

CDD B869.1

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção brasileira



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

**Acreditamos
nos livros**

Este livro foi composto em Fairfield e
Refrigerator e impresso pela Gráfica
Santa Marta para a Editora Planeta do
Brasil em outubro de 2024.

Mãe heroína e filho lutador: o início da história de Gladiador

Havia um jovem muito especial, inteligente, bem-humorado, que gostava de zombar da vida e de dar risada até de suas loucuras. Mas ele foi marcado a ferro e fogo em sua história. O pai dele era alcoólatra e abandonou a sua mãe quando ela engravidou, cujo apelido era Bia. Bia tinha trinta e cinco anos, era morena, alta. Quatro meses depois, ficou sabendo que era um filho e ficou desesperada, mas não pensou em abortá-lo.

— Passarei fome, mas não te abortarei. Serei humilhada, mas não te abortarei. Serei usada como objeto e mendigarei o pão nas ruas da vida, mas não te abortarei, meu filho — dizia em lágrimas, acariciando a barriga com medo do futuro.

Não era muito de ler, mas certa vez viu um livro atirado ao chão que tratava da história de Roma. Ficou tão impactada que pensou em colocar o nome de seu filho de Spartacus, famoso gladiador nos áureos tempos do Império Romano. À medida que a gravidez avançava, o mundo desabava sobre ela.

Algumas pessoas que a conheciam e que a ouviam falar sozinha diziam:

— Por que Bia está falando consigo mesma? Será que está ficando louca?

E zombavam dela:

— Aborte esse bebê! Não seja tola!

Outras comentavam:

— Você é uma mulher da vida, sem nenhum valor social e sem dinheiro.

Mas ela retrucava:

— Sim, sou pobre, miserável, sem nada nem ninguém, mas eu vou lutar por esta criança. Quem sabe ela cure minha solidão, ou quem sabe se torne um grande personagem na vida.

— Não seja ingênua. Vocês vão morrer de fome! — outra colega dizia.

— Talvez morra de fome, mas não morrerei de solidão.

Certo dia, ela estava muito angustiada, pois não conseguia arrumar trabalho devido à gravidez. Estava com alguns comprimidos que um farmacêutico lhe dera e que eram abortivos. Ela ainda não morava nas ruas, mas num casebre, sem banheiro dentro da casa, onde cozinha e quarto eram no mesmo ambiente. Em lágrimas, Bia acariciou a barriga e em prantos disse:

— Spartacus, meu bebezinho, eu estou sofrendo muito, muito... Mamãe não tem ninguém, apenas Deus, mas parece que ele não ouve minha voz. Sou alcoólatra, pobre, doente, sem emprego e abandonada, mas eu vou te dar o direito à vida, a vida que você lutou para ter. — E atirou os comprimidos na pia da cozinha.

O bebê nasceu num hospital público, com três quilos e meio, e muito chorão, o que era positivo, pois mostrava sua boa saúde. Infelizmente, devido ao estresse durante a gravidez, ao sentimento de abandono e às alterações hormonais, Bia teve depressão pós-parto, uma dor emocional intensa que muitas mulheres têm quando seus bebês nascem. Produz ansiedade,

inquietação, insônia, vontade de chorar, isolamento social, acompanhada de um sentimento enorme de incapacidade de cuidar do bebê.

— Filho, não sei se vou conseguir cuidar de você! — dizia Bia tão cansada e deprimida.

Pensou em colocá-lo num orfanato e sumir. Pelo menos ele teria onde comer e dormir, obteria cuidados médicos e quem sabe seria adotado por uma boa família, frequentaria uma escola e teria um futuro que ela não lhe poderia dar. Mas, ao ver o rostinho do bebê e seu sorriso cativante, seus fantasmas mentais se acalmavam. Bia resistiu bravamente. Era muito inteligente, mas não teve condições de frequentar a universidade, pois seus pais idosos — já falecidos — não tinham recursos financeiros. Quando percebeu que estava se entregando a pensamentos perturbadores, resolveu deixar de ser vítima e falou para si poderosamente:

— No jogo da vida, o medo do futuro é meu grande inimigo, mas decido não ser perdedora — dizia movimentando o filho nos braços, fazendo-o dormir.

E, para não perder esse jogo, diminuiu a ingestão de bebidas alcóolicas, pois no período em que se embriagava não conseguia cuidar nem de si mesma. Trabalhava fazendo faxina em casas, limpando empresas e até carregando caixas, mas não podia fazer muito esforço, pois ficava ofegante e lhe faltava o ar, o que a impedia de dar sequência a um único trabalho. Cardíaca, tinha uma grave obstrução da artéria coronária esquerda por causa de diabetes maltratada, pelo alcoolismo e por ter sido fumante na juventude. E, como não tinha plano de saúde, as filas do serviço público para tratamento médico a faziam desistir.

— Quem é o bebê mais lindo do mundo? Quem é o tesouro da mamãe? — ela dizia com orgulho, levantando-o com as mãos para o alto.

Ao longo dos meses, ela ia aos jardins das praças e observava as flores que os passantes apressados não notavam.

— Ninguém nota essas flores, meu filho, mas veja como são incríveis.

Ela levava seu bebê, desde os primeiros meses até os primeiros anos, a se aproximar das flores e folhas.

O bebê, abrindo um sorriso, expressava:

— Hummm.

Mas, em seguida, o peso dele a fazia sentir seu coração palpitar, então tinha que rapidamente o colocar ao chão. O bebê, apesar da pobreza da mãe, bebia do cálice da alegria e dia após dia se tornava observador e extrovertido. Começou a andar com onze meses e a falar com um ano. Era um tagarela.

— Você comeu farofa de papagaio, menino?

Spartacus balbuciava muitos sons, embora fosse difícil entender o que ele queria dizer.

A mãe tentou colocá-lo numa creche, mas não conseguiu, fosse por medo que lhe tomassem o filho, fosse porque raramente havia creches na periferia, e também por raramente haver vagas disponíveis. O bebê passava necessidades desde seu primeiro ano de vida. Ela o pegava no colo, acariciava, fazia-lhe cócegas, e ele dava grandes gargalhadas. Era uma forma de disfarçar a fome. Outras vezes, sua mãe o acariciava e vertendo lágrimas lhe dizia:

— Me desculpa, meu filho.

Quando ele tinha três anos, Bia foi despejada de sua casa na favela; estavam morando debaixo de um grande viaduto. Como não tinha dinheiro para os brinquedos, ela mesma era seu brinquedo: fingia que era uma leoa, colocava um pano esfarrapado sobre a cabeça e o menino tinha de se esconder. Bia, rugindo, ia procurá-lo. E, quando o encontrava escondido debaixo de folhas de papelão, bradava:

— Uau, estou com muita fome! Vou comer esta perninha!

Ricos e infelizes; pobres e felizes – esse paradoxo sempre perseguiu as sociedades humanas. O pobre menino dava gargalhadas e se arrepiava todo, pois sabia que ela iria fazer cócegas nas suas costas e pernas como se estivesse mordendo-as.

Depois de muitas risadas, ele saía correndo e gritando:

— Socorro, a leoa vai me morder! Socorro!

Assim, havia festas sem guloseimas debaixo dos viadutos. Mas o prazo de validade para acabar com as festas infelizmente estava diminuindo devido à doença cardíaca da mãe. Com aulas de Bia, o menino começou a aprender a ler. E, quando já tinha três anos e meio, iniciou a leitura de algumas páginas soltas de livros, jornais velhos e até folhetos de propagandas. Sua mãe ficava impressionada.

O tempo passava e Bia não conseguia mais fazer caminhadas, trabalhar e até carregar o pesado menino no colo sem se fatigar e sentir falta de ar.

— Por que você está cansada, mamãe? Vamos correr — dizia o filho cheio de energia.

— Dói meu peito, meu filho. Desculpe, não posso — comentava, enxugando os olhos.

O fantasma do medo do futuro voltara.

Com o filho no colo, tentava pedir moedas nos semáforos, mas os motoristas raramente eram generosos:

— Vai trabalhar! — uns diziam.

— Pare de usar seu bebê para chantagear os motoristas! — diziam outros, inclusive uma mulher muito bem-vestida.

Spartacus os enfrentava:

— Larguem de ser pães-duros.

As ofensas dos motoristas insensíveis eram como um soco no estômago. Mas uma mãe enfrenta o mundo, inclusive da humilhação, para proteger seu filho.

— Entregue seu filho para outra família, você é uma drogada — sugeriu um grupo de executivos que estavam sendo transportados num carro sedã preto.

O sinal estava fechado e Spartacus já estava com cinco anos.

— Minha mãe é minha família, seus bobos — enfrentou o menino.

Neste momento, Bia pôs as mãos na frente do carro e encarou os executivos. O motorista fechou o vidro para não ouvir os xingamentos.

— Não vou xingá-los — avisou e fez sinal para que baixasse os vidros.

Com sensibilidade, Bia comentou:

— Olhem aquela árvore. Diferentemente dos seres humanos, todos os dias ela está de braços abertos para receber os visitantes. Não lhes pede documentos e nem pergunta sobre seu caráter. Ela simplesmente se doa para eles repousarem na noite fria. E, pela manhã, os animais partem sem agradecer. Mas, generosa, a árvore continua de braços abertos. Podem partir.

Um executivo, dono de uma megaempresa, ficou perplexo. Arrependido, tirou uma nota de cem dólares, lhe deu e disse:

— Me desculpe, senhora. Você deve ser uma mãe incrível.

— Não, eu não quero.

— Por quê? — disse constrangido.

— Porque hoje eu sou a sua árvore. — E lhe deu as costas.

O homem teve insônia e, junto com seus amigos multimilionários, percebeu que eles eram egocêntricos.

— Por que você não pegou toda aquela grana? — falou um mendigo que viu tudo.

— Porque meu filho e eu estávamos diante de pessoas mais pobres emocionalmente do que nós.

Um empresário bilionário, autoritário, orgulhoso e frio passou num carro que custava um milhão de dólares. Havia dois carros fazendo sua segurança, um na frente e outro atrás. Ele disse para o motorista:

— Abaixе o vidro.

O motorista resistiu:

— Não é seguro, doutor. Essas mulheres são delinquentes.

Mas ele fez sinal, ordenando que o baixasse. Sem paixão, disse em voz alta:

— Entregue seu filho num orfanato!

Spartacus estava de pé. Bia olhou para ele e depois para o ricoço e rebateu:

— Você o entregaria se fosse seu filho e o amasse? — Bia sabia que um orfanato seria uma boa alternativa quando ela não estivesse mais viva.

Ele não respondeu, mas o pequeno Spartacus, como se estivesse no Coliseu, dessa vez partiu para o ataque.

— Ele entregaria, mamãe, pois não o ama.

O ricoço ouviu e sentiu-se ofendido:

— Eu amo meu filho! — gritou. — Não quero que você vire um delinquente, garoto.

— O que é delinquente, mamãe? — Spartacus perguntou.

Sua mãe mais tarde lhe respondeu, mas, por ora, tinha de dar uma lição no homem que tinha traços de psicopatia e que vestia terno e gravata.

— Fique tranquilo, ele não se transformará num delinquente para te assaltar, mas certamente se transformará num ser humano melhor que você... — E lhe deu as costas para que não a visse chorar.

— Saia daqui, seu monstro! — falou alto o menino ao ver a mãe chorar, e foi até o carro e bateu no vidro várias vezes.

O carro era blindado, mas um segurança mostrou uma arma para o garoto, que tinha cinco anos.

A mãe se abaixou, abraçou seu filho e com olhos úmidos lhe disse:

— É por isso que você se chama Spartacus. Spartacus foi o melhor gladiador do Império Romano.

— O que é gladiador?

— Gladiadores eram guerreiros que lutavam na arena do Coliseu, na cidade de Roma, contra feras e outros lutadores.

— Eu sou um gladiador, mamãe? Gostei.

— Sim, nesta vida tão injusta, você terá de ser um gladiador para sobreviver.

A partir daquele momento, o menino passou a querer ser chamado cada vez mais de Gladiador pela mãe e pelos que o conheciam. E o apelido ficou.

O bilionário que ofendeu sua mãe ficou pensativo e chocado. Ninguém teria essa coragem de dizer que ele, com todo o seu megassucesso, era um ser humano de baixa qualidade. E mais uma vez aquela mãe financeiramente miserável, mas que amava seu filho, a Deus e a literatura, foi ferida. A proteção de Bia nos dias de desprezo e nas noites frias e famintas, em que só havia comida para seu filho, era comer palavras, ler livros.

Dias depois, o pequeno Gladiador, especialista em fazer perguntas, questionou a mãe sobre uma palavra que não saía da sua cabeça:

— O que é orfanato, mamãe?

— É um lugar que acolhe crianças sem pais ou que os pais as abandonaram. Mas não vou te deixar lá enquanto eu respirar. Eu prometo.

Certa vez, uma jovem de trinta anos que passeava por uma praça lhe deu um bom dinheiro. E, quando ia embora emocionada, a jovem acrescentou:

— Seu bebê é lindo e você é uma heroína.

— Muito obrigada, mas meu filho é meu gladiador, meu herói, por suportar uma mãe doente.

Um ano se passou. Spartacus estava com seis anos, mas não era capaz de entender por que sua mãe às vezes chorava às escondidas.

— Você está chorando, mamãe?

— Desculpa, filho. — E tentava esconder o rosto.

— Eu sou gladiador, eu posso te proteger.

— Muito obrigada. Vai ficar tudo bem.

Apesar de toda a miséria, Bia se ajoelhava junto com o filho no meio das praças e até no meio da noite, debaixo das pontes, e agradecia ao Autor da existência. Ela não era uma religiosa formal, que frequentava um templo. Mas era uma daquelas

mulheres surpreendentes que o Mestre dos mestres proclamou há dois mil anos: “Prostitutas precederão religiosos no reino dos céus”.

O menino certa vez questionou sua mãe:

— Vamos agradecer a quê, se não temos nada para comer ou cama para dormir?

Ela se levantou e lhe disse:

— Temos de agradecer o coração que bate, o oxigênio do ar, os pulmões que respiram, a mente que pensa, a coragem que temos para não desistir da vida quando tudo dá errado. São tantas coisas para agradecer — disse a mãe sem diplomas acadêmicos, mas formada na escola das tempestades da existência. — Feche seus olhos que você vai encontrar motivos para agradecer.

— Entendi! Eu preciso enxergar o invisível.

— Sim, meu pequeno gênio. Ver o invisível é enxergar com o coração.

Infelizmente, sua saúde foi piorando muito. Até que um dia, teve de fazer a escolha mais difícil de sua vida: separar-se do filho para tentar se tratar; caso contrário, ele veria seu fim na sua frente. Levou-o até a porta de um orfanato. Entrou na instituição, deixou o filho fora e explicou para a diretora a sua história. Comentou que estava muito doente, talvez não sobreviveria mais alguns dias. Depois, saiu e se encontrou com ele. Gladiador estava acompanhado da diretora e de um enfermeiro. O trânsito estava infernal. Ela, vertendo lágrimas, lhe disse:

— Filho, você é a coisa mais importante que eu tenho no mundo.

— Eu sei, mamãe.

— Mas me desculpe... eu não consigo cuidar de você...

— O que você está dizendo? — disse ele com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Você me vê cansada todos os dias. Preciso me tratar.

— Mas eu cuido de você.

— Eu sei, mas preciso agora de cuidados médicos, talvez ficar internada — disse tossindo muito, com o rosto avermelhado e muito triste. — A mamãe vai ter de se separar de você por alguns dias.

— Não vá embora! Não vá! Meu pai já me abandonou. Eu odeio meu pai! Agora você. Não! Não! — disse o menino aos prantos, suplicando por ela.

Mas ela lhe disse:

— Não tenha ódio de seu pai. O ódio coloca na mesma prisão a pessoa que odeia e a pessoa odiada.

— Que prisão? — disse ele enxugando com as mãos o seu rosto.

— A prisão em nossa mente.

— Mas você me prometeu que nunca iria me deixar.

Foi então que ela confessou claramente:

— Estou com um grave problema no coração, meu pequeno Gladiador. Não vê que não tenho forças para te carregar e quase nem para andar? Preciso me tratar e o tratamento é caro. — E, após tossir novamente, colocou a mão direita no peito esquerdo para tentar aliviar a dor torácica.

— Eu posso trabalhar para você se tratar — ele sugeriu e mostrou suas duas mãozinhas sujas de terra.

— Ah, meu filho, eu voltarei. Nunca esqueça que eu te amo até o impensável.

Deu-lhe um longo abraço e três beijos, um em cada face e o outro na testa. E o deixou na porta do orfanato, sob os cuidados da diretora e de dois auxiliares. Comovidos, os auxiliares seguravam o menino pelas mãos, enquanto o garoto se debatia. E, assim, Bia pegou um ônibus e partiu. Gladiador soltou-se das suas mãos e correu atrás do ônibus, como se estivesse correndo atrás da sua história, da sua origem, de tudo que mais amava. Sua mãe olhava para trás e deixava tudo que mais amava.

Para um filho, por mais justificável que seja a perda de sua mãe, nunca preencheria a cratera nos solos da sua emoção.

Infelizmente, Bia nunca mais voltou. Ele nem sequer recebeu notícias de seu falecimento. O pequeno Gladiador por anos olhava pela janela do orfanato esperando uma visita que nunca mais apareceu. A vida é um grande Coliseu e nele há batalhas nunca vencidas.

